Onde as roupas nos tocam: ensaios sobre roupas afetivas Where Clothes Touch Us: Essays on Affective Clothing

Tayane da Silva Launé¹

PPGA-IFCH-UFPA

e-mail: tay.laune@gmail.com – orcid: <https://orcid.org/0009-0009-4270-1431>

DOI 10.5281/zenodo.14538809

Resumo

Este trabalho se propõe a discutir as formas como as roupas estão intrinsecamente ligadas a nós, mais especificamente, como roupas de pessoas com quem temos fortes vínculos — sejam elas familiares, amorosas, de amizade ou de outra natureza — deixam marcas em nossas memórias e se transformam em partes físicas carregadas de significado. Para essa análise, trago questões relacionadas à agência, como descrita por Miller, em conjunto com noções de memória e as diversas maneiras pelas quais as roupas estão implicadas na sociedade. Vivemos com elas dia e noite, mas nem sempre as percebemos em sua totalidade. Elas entrelaçam relações, conectam pessoas e têm o poder de aproximar aqueles que estão distantes.

Palavras-chaves: Memórias; Afetos; Roupas

Abstract

This work aims to discuss how clothes are intrinsically connected to us, specifically how garments from people with whom we have strong bonds — whether familial, romantic, friendly, or otherwise — leave marks on our memories and transform into physical elements imbued with meaning. For this analysis, I bring forth questions related to agency, as described by Miller, along with notions of memory and the various ways in which clothes are embedded in society. We live with them day and night, yet we do not always fully perceive them. They intertwine relationships, connect people, and have the power to bring those who are far away closer.

Keywords: Memories; Affections; Clothing.

¹ Mestranda em Antropologia com área concentração em arqueologia (PPGA-IFCH-UFPA). Graduada em Ciências Sociais (IFCH-UFPA).

1. INTRODUÇÃO

*A roupa que a gente veste
A roupa que veste a gente
- Mariane Bigio*

As roupas permeiam nossa sociedade, nós as vemos todos os dias em corpos e peles distintas, e tão pouco reparamos nelas para além de sua materialidade como vestimenta, esteja ela ligada ou não com a moda. Algumas podem atrair nossos olhares por sua exuberância, por um detalhe, sejam eles “bonitos”, “feios”, “estranhos” ou até mesmo “supérfluos”, mas raramente pensamos os tipos de afetos e memórias que determinadas roupas podem nos trazer.

Stallybrass (2004), em seu texto, aborda o fetichismo das coisas, implicado nas noções de Marx (1996) sobre o fetichismo da mercadoria, postulando que dentro do sistema capitalista, as relações sociais de produção são ocultadas e distorcidas nas interações das mercadorias e produtos.

Concomitantemente, o autor Stallybrass (2004, p. 15) afirma que “amar coisas é, para nós, algo constrangedor: as coisas são, afinal, meras coisas e acumular coisas não significa dar-lhes vida”. Assim, pouco reparamos na essencialidade que uma roupa pode trazer, nas memórias que ela pode evocar. Pelo contrário, estamos intrinsecamente ligados à noção de materialidade imposta pelo capital e não voltamos tanto nossos olhares para as particularidades que essas coisas podem ter.

Partindo disso, Bennett (2019) nos convida a refletir sobre esse mundo das coisas, que frequentemente percebemos apenas como algo inerte, disponível exclusivamente para nosso uso. Ela propõe a possibilidade de repensarmos essa materialidade também como uma “matéria vibrante”, detentora de vitalidade, capaz de atuar como agente, com suas próprias tendências. Assim, ao trazer a perspectiva de Bennett para repensar as roupas para além da ideia de algo inerte ou um simples bem de consumo — que, de certo modo, nos impede de perceber o sensível —, podemos olhar para essas peças como portadoras de vitalidade. Somos, então, capazes de captar as sensações que essas roupas afetivas podem carregar: o cheiro, as marcas, toque do tecido sobre a pele e entre outras sensações.

Desse modo, desejo trazer aqui as roupas como protagonistas de relações de afeto e memória, tentando compreender como algo presente cotidianamente na vida das pessoas pode ir além de meros produtos de vestimentas e tornar-se um elemento que aciona memórias, afetos e sensações. Para isso, cabe elucidar as noções de agências e também discutir a biografia das coisas, conforme abordado por Janet Hoskins.

2. HISTÓRIAS E AGÊNCIAS

Afinal, por que roupas não são somente roupas? Quais são as outras implicações que elas carregam consigo? Como entender essa relação com os indivíduos que as utilizam? Ahenr (2001, p. 112) define agência como “a capacidade de agir socioculturalmente mediada”. Podemos entender o aspecto da agência como a capacidade que essas coisas têm de acionar distintas emoções, capazes de gerar impactos sobre nós ou, até mesmo, mudanças em nossos percursos de ação. Gell (1998), em seu texto, pontua que as pessoas constantemente constroem relações com objetos, como uma criança que constrói sua relação com sua boneca. Então, por que não pensar nessa construção afetiva a partir das roupas, considerando-as detentoras de agência?

Ao pensar em roupas que trazem afetos, destaco as sensações que essas roupas podem despertar, sejam elas de tristeza, alegria ou simplesmente uma sensação de proximidade. É importante esclarecer que, ao tratar de roupas afetivas, não me refiro a todas as roupas existentes nem àquelas que se relacionam exclusivamente com o viés mercadológico. Tampouco abordo roupas sob uma perspectiva religiosa ou cultural, ainda que tais aspectos possam surgir ao longo da leitura. Meu foco é destacar as roupas transmitidas dentro de relações de afeto - sejam elas de família, amizade ou amorosa - e como elas carregam significados, além de memórias e sensações.

Nesse contexto, Stallybrass (2004), ao relatar a experiência de Nina Payne e sua relação com as vestes de seu falecido marido, aborda as novas funções que essas roupas passaram a desempenhar em outro contexto. O autor pontua as remodelações que essas vestes adquiriram ao serem utilizadas por um novo portador. Isso nos leva a refletir sobre o que Hoskins (2008) propõe em relação à biografia das coisas: mesmo que a roupa não pertença originalmente à pessoa que a veste, ela está impregnada de histórias e sensações que remetem à pessoa original. Ainda assim, a roupa não perde sua história ao mudar de “dono”, mas sim se reconfigura e continua.

Com isso, ao entendermos as roupas possuidoras de biografia (Hoskins, 2008), reconhecemos que elas possuem uma vida social. Essa vida social envolve distintas transformações, nas quais as pessoas, ao decorrer do tempo, imprimem características de sua própria história naquela coisa. Um exemplo disso pode ser observado no artigo de Ribeiro (2013), que aborda a vida social das havaianas e como os processos históricos e sociais atribuíram à sandália uma nova identidade e significados ao longo do tempo.

O autor Alfred Gell aborda que um objeto pode exercer uma agência independente da intencionalidade de quem o criou. Dessa forma, ao tratar de roupas, o propósito aqui não é discutir questões estéticas relacionadas à criação do vestuário, pois o autor tampouco se concentra na estética do objeto. Não tenho interesse, também, em aspectos técnicos de fabricação dessas roupas, mas sim em um olhar que parte das memórias e sensações que elas evocam. Nesse sentido, Gell também aponta que a reação a um objeto decorre da subjetividade individual e coletiva (Hoskins, 2008).

Assim, volto meu olhar para essas roupas a partir de uma perspectiva da reação subjetiva individual, atrelada às histórias e relações construídas quando uma pessoa recebe uma roupa de alguém com quem possui um vínculo afetivo. Nesse contexto, essa roupa, aos olhos de outras pessoas, pode não ter qualquer significado especial, exceto talvez por uma perspectiva estética. No entanto, para quem a recebeu, ela adquire novos significados, provocando reações que vão além de sua funcionalidade ou aparência.

É importante elucidar que, ao trabalhar esse aspecto mais sensível do motivo pelo qual roupas não são apenas roupas, fica claro que, ao receber uma peça de quem se tem um vínculo afetivo, essa roupa não permanece estática no tempo. Sua história não se encerra naquele momento, e seus significados não ficam inertes. Como aponta Barreto (2020, p. 4):

As pessoas constroem seu mundo social fazendo e transformando coisas, imagens, lugares e paisagens. Reciprocamente, artefatos, imagens e paisagens constroem sujeitos humanos, nossa personalidade, nossa identidade (Barreto, 2020, p. 4).

Dessa forma, ainda que a roupa acione lembranças e sensações, ela também possui sua biografia, que é construída conjuntamente com quem a usa. Logo, ela não é somente uma roupa, mas apresenta uma construção contínua, mesmo ao evocar memórias.

Partindo disso, cito aqui um exemplo de Stallybrass (2004), onde, em seu texto, ele fala sobre a produção de uma colcha feita por uma operária fabril da Nova Inglaterra. Essa colcha está repleta de tecidos que fizeram parte da vida de outras pessoas, como se ela estivesse costurando um livro repleto de memórias, que despertam sensações - algumas nem tão boas. Como diz o autor: “A colcha carrega assim as marcas de estruturas sociais conflitantes: os materiais da vida familiar; os materiais da auto-dependência e do trabalho assalariado” (Stallybrass, 2004, p. 25). Se empregarmos essa mesma perspectiva para as roupas, não teriam elas um sentido semelhante? Nossa vida é como uma costura de momentos e histórias distintas daqueles que já passaram por ela. As roupas trazem memórias - e talvez nem todas sejam boas. Usá-las pode remeter a um tempo de um “eu” que você talvez não queira mais ser ou de uma relação que você, talvez não queira mais lembrar.

A questão é que, da mesma forma, a roupa também obtém uma vida social. Ela já esteve em outro lugar, em outro corpo, e construiu algo conjuntamente com o dono anterior. Agora, além de carregar sua própria biografia, também passará por novas construções. Volto a dizer: uma roupa nem sempre é só uma roupa.

3. VESTIR-SE DE MEMÓRIAS

Pellini (2016), ao relatar as sensações vivenciadas ao presenciar a catedral de Notre Dame, em Paris, descreve os estímulos sensoriais que experimentou naquele local, seja por meio dos aspectos auditivos, táteis ou visuais. Esses estímulos contribuíram para a criação de memórias profundas sobre aquele momento. Dessa forma, ao tratar de memórias, ele as compreende como uma extensão corpórea, afirmando que: (Pellini, 2016, p. 144):

Como seres corporificados, utilizamos nossos sentidos não apenas para entrar em contato com o mundo e significar nossas vivências, mas também para formar memórias de nossas experiências de vida. Memórias nada mais é do que a maneira pela qual lembramos de sons, imagens e texturas, temperaturas, sentidos, emoções e tudo mais que vivenciamos sensorialmente enquanto seres corporificados (Pellini, 2016, p. 144).

Partindo disso, as roupas podem significar uma variedade de coisas para diferentes pessoas e áreas. Podemos analisá-las sob perspectivas como moda, capitalismo, cultura, religião e até mesmo a simbologia relacionada à divisão de gênero ou classe. A roupa pode ser muitas coisas (Monteiro, 1997). Contudo, neste texto, meu foco é observar essas peças - tecidos e vestimentas - a partir de uma visão sensível, considerando seu poder de resgatar memórias, afetos e sensações. Não me refiro aqui a toda e qualquer roupa, nem adoto uma visão semiótica que as caracteriza como portadoras de símbolos e signos (Miller, 2013). Em vez disso, penso nelas sob a perspectiva de que esses “vestuários nos lembram que os materiais não são simplesmente receptores semióticos, mas objetos sensuais com qualidades particulares” (Schneider, 2022, p. 289).

Miller (2013), ao descrever a relação das mulheres indianas com o sári, aborda o conjunto de técnicas que elas utilizam para ajustar a vestimenta ao corpo. Além disso, ele destaca a inter-relação entre a mulher e o sári, de forma que a peça se torna uma extensão corpórea, afastando a visão semiótica que reduz a vestimenta a um mero servo de quem a usa. O autor também menciona as diversas utilidades atribuídas ao sári, como no caso do pallu, uma parte da vestimenta que, segundo ele, “para a criança, o pallu se torna a encarnação física do amor de sua mãe, um amor que ele pode literalmente segurar” (Miller, 2013, p. 42). Aqui, a roupa não é apenas uma peça dada de mãe para filho; é algo presente em ambas as gerações e que se torna uma extensão do amor materno.

Trazendo esse exemplo para as roupas dadas dentro de relações afetivas, podemos vê-las como uma parte física do sentimento de alguém. Assim, ao possuir uma vestimenta que pertenceu a alguém afetivamente próximo, isso pode despertar sentimentos de carinho, amor ou saudade. Nesse sentido, trago aqui dois exemplos pessoais ligados às roupas afetivas. Tenho um relacionamento à distância e, com toda a certeza, posso afirmar o quão difícil é lidar com a saudade de quem amamos. Quando a saudade bate à porta, me visto com a blusa dada pela minha companheira. Através dessa blusa, sinto-me um pouco

mais perto do seu abraço, do seu carinho e da segurança que ela me transmite. Além disso, preciso estar frequentemente longe da minha avó, que está começando a desenvolver Alzheimer, e quando abraço suas roupas consigo sentir sua presença por mais distante que ela esteja. As roupas, por mais que pareçam meros objetos de uso, quando se tornam roupas afetivas, possuem o poder de nos aproximar de quem amamos.

Por outro lado, ao pensar nas roupas sob uma perspectiva capitalista, cabe esclarecer a definição de fetiche que implicava significar o sujeito europeu, conforme aponta Stallybrass (2004, p. 45), como:

Um sujeito livre da fixação em objetos, um sujeito que, tendo reconhecido o verdadeiro valor (isto é, de mercado) do objeto como mercadoria, se fixava, em vez disso, nos valores transcendentais que transformavam o ouro em navio, os navios em armas, as armas em tabaco, o tabaco em açúcar, o açúcar em ouro, e tudo isso num lucro que podia ser contabilizado. O que era demonizado no conceito de fetiche era a possibilidade de que a história, a memória e o desejo pudessem ser materializados em objetos que fossem tocados e amados e carregados no corpo (Stallybrass, 2004, p. 45).

Quando se pensa nessa definição a partir das roupas de afeto - sendo elas detentoras de memórias e marcas - entende-se que elas criam um valor distinto do valor capitalista. Esse valor não está preocupado com o preço de troca monetário, nem com a obsessão do mercado por trocar e adquirir constantemente novos produtos. Trata-se de um valor sensível e sentimental. Entretanto, ao refletir sobre o apego a essas roupas na sociedade ocidental, observa-se uma perspectiva que frequentemente desvaloriza esse vínculo, classificando-o como um hábito de "coleccionar bugigangas" ou "guardar tralhas". O apego à materialidade é muitas vezes demonizado, mesmo em uma sociedade que paradoxalmente é materialista em essência. Assim, ao desconstruir a ideia de fetiche expressa por Marx e reconhecer que esses objetos também carregam memórias, afetos e marcas, podemos lançar novos olhares sobre eles.

Além disso, as roupas assumem o papel de ancoragem entre o passado e o presente. Elas permitem, por meio das sensações e memórias que despertam, visitar momentos passados, acionando memórias sensoriais que possibilitam reviver sentimentos. Esse processo, embora nostálgico, contribui para construção da própria identidade (Schneider, 2022). Ao tocar nossa pele, as roupas evocam memórias (Schneider, 2022). Contudo, essa conexão não depende exclusivamente do uso: apenas olhar para uma peça de roupa, como uma vestimenta infantil guardada, pode despertar emoções. As roupas afetivas possuem essa capacidade quase mágica de ativar os sentidos e evocar lembranças, seja por meio do toque, do olhar, do cheiro ou das marcas expressas no tecido.

Nesse sentido, as roupas afetivas não são interpretadas apenas pela perspectiva simbólica, mas pelo viés físico, concreto e palpável que evidencia a presença daqueles que as vestiram. Elas carregam a essência de quem está distante, de quem já não temos contato

ou até de quem partiu. São o amor entre amantes, o carinho entre pais e filhos, o companheirismo entre amigos ou a ternura de uma avó. As roupas preservam texturas, cheiros e formas que encapsulam os afetos vividos ao longo da vida. Desfazer-se dessas peças é também, de certa forma, desfazer-se dessas pessoas e dessas memórias. Assim, reconstruímos essas presenças a partir do que ficou delas: as roupas deixadas, as lembranças evocadas e as sensações despertadas. E é através delas que escolhemos preservar as partes mais belas dessas relações que desejamos manter por perto.

Ademais, não falo apenas de roupas de pessoas que partiram fisicamente, mas também daquelas que, por algum motivo, estão emocionalmente distantes. Pode ser uma blusa dada por alguém que você amou, mas que agora se tornou um estranho. Talvez você não queira se lembrar, mas aquela peça atuará sobre suas memórias e sentidos, independentemente de sua vontade. Isso reflete o que Miller (2013) descreve como a humildade das coisas. Por outro lado, podemos pensar em uma blusa dada por amores que precisam estar geograficamente distantes. Nesse caso, a peça deixa de ser apenas uma roupa: ela assume o papel de evocar memórias e afetos, tornando-se a fisicalidade do amor em forma de roupa.

Seja uma peça dada por um amigo, por uma mãe, uma irmã ou por outro tipo de afeto, todas essas situações possuem algo em comum: a roupa se transforma em um portal para o passado. Ela estabelece uma conexão por meio do objeto (Lipman, 2018). As roupas evocam memórias, trazem emoções e, ao mesmo tempo ajudam a construir quem somos. Não vestimos essa peça como qualquer roupa; vestimo-nos de memórias e afetos, e a roupa, por sua vez nos veste com significados profundos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teve como objetivo refletir sobre as roupas não apenas sob as perspectivas mercantilizadas, da moda, da cultura ou da religião, mas compreendê-las como protagonistas em relações afetivas. São roupas possuidoras de cheiros, texturas, marcas, memórias e afetos, capazes de despertar sensações em quem as veste.

É sobre entender essas roupas como tendo vida social, preenchida de histórias e marcas do tempo, que levam ao seu novo detentor fragmentos do antigo dono. São roupas que aproximam relações, mesmo quando estão espacialmente distantes, e envolvem os tempos vividos em uma camada de nostalgia, acionando memórias. As roupas do afeto não são meras roupas; com sua simplicidade e humildade, elas carregam sentimentos, mesmo quando essa não é a intenção de quem as utiliza. Reconhecer isso é também perceber que essas roupas possuem suas próprias marcas deixadas pelo tempo, uma vida social própria, e que, por onde ela passou pegou um pouco de seu detentor e no seu tecido ali o guardou.

REFERÊNCIAS

Ahern, L. 2001. Language and agency. *Annual review of anthropology*. 30:109-37.

Barreto, C. 2020. Do teso marajoara ao sambódromo: agência e resistência de objetos arqueológicos da Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 15 (3): e20190106.

Bennett, J. 2019. *Materia vibrante: una ecología política de las cosas*. Tradução de Antonio Lastra. 1. ed. Buenos Aires: Katz Editores.

Gell, A. 1998. *Arte y agencia: una teoría antropológica*.

Hoskins, J. 2008. Agency, biography, and objects. In Tilley, Christopher; Keane, Webb; Küchler, Susanne; Rowlands, Mike and Spyer, Patricia (eds.) *Handbook of Material Culture*. New York: Sage: 74-84.

Lipman, C. 2018. Living with the past at home: the afterlife of inherited domestic objects. *Journal of Material Culture*, 24 (1): 83-100.

Marx, K. 1996. *O Capital*. São Paulo: Nova Cultura. cap. I, p. 165-175; 197-208.

Miller, D. 2013. Por que a indumentária não é algo superficial. In _____. *Trecos, Troços e Coisas*. Rio de Janeiro: Zahar: 21-65.

Monteiro, G. 1997 *A metalinguagem das roupas*. Artigo publicado na Biblioteca online de Ciências da Comunicação.

Pellini, J. R. 2016. Rituais: Afetos, sentidos e memórias. Uma proposta. *Habitus*, Goiânia, 14 (1) :141-156.

Ribeiro, M. S. 2013. Por uma biografia das coisas: a vida social da marca Havaianas e a invenção da brasilidade. *Etnográfica*, 17 (2): 341-367.

Stallybrass, P. 2004. A vida social das coisas: roupas, memória, dor. In: Stallybrass, Peter. *O Casaco de Marx: roupas, memória e dor*. Belo Horizonte: Autêntica : 7-50.

Financiamento

Bolsista CAPES.

Data de envio (Recebido) 28 de outubro de 2024
Aceito em 21 de dezembro de 2024